



HORROR NA FAIXA DE GAZA

Revolta pelo "acidente trágico" de Netanyahu

Primeiro-ministro de Israel qualifica massacre em Rafah como "erro" e afirma que seus soldados se esforçam para poupar os civis. Bombardeio a acampamento de deslocados deixou 45 mortos. Comunidade internacional reage com indignação

» RODRIGO CRAVEIRO

Eyad Baba/AFP



Palestinos observam acampamento destruído pelas bombas israelenses, em Rafah: ataque noturno teve como alvo o grupo extremista Hamas

Ativista Walaa Najeh Hassan, 30 anos, deixou Rafah na manhã de ontem. Levou consigo as lembranças do pesadelo da noite do último domingo, quando Israel bombardeou um acampamento de deslocados mantido pela UNRWA, agência da ONU para refugiados palestinos, no bairro de Tel Al-Sultan. O ataque deixou ao menos 45 mortos e 200 feridos e atraiu a indignação da comunidade internacional. "Rafah tornou-se um local perigoso. Estamos em Deir Al Balah, no centro da Faixa de Gaza", disse Walaa ao **Correio**.

Como se existisse lugar seguro no enclave palestino, há 192 dias sob bombardeios quase diários. Walaa relatou que, por volta das 20h50 de domingo (14h50 em Brasília), escutou uma "horível explosão". "Depois, foram oito estrondos. Vimos o fogo tomando conta de tudo. Amedrontadas, as pessoas corriam para lugar nenhum. Vimos gente queimada viva e crianças decapitadas", descreveu a palestina. O premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, falou em "acidente trágico". A UNRWA confirmou "baixas massivas" entre crianças e mulheres. "Gaza é o inferno na Terra", reagiu. O Conselho de Segurança da ONU se reunirá, hoje, em caráter de emergência, a pedido da Argélia.

As autoridades israelenses iniciaram uma investigação sobre o incidente, que, segundo elas, tinha como alvos extremistas do grupo islâmico Hamas. "De acordo com os primeiros dados, ocorreu um incêndio após o ataque. Os terroristas estavam escondidos no porão", disse o porta-voz do governo israelense, Avi Hyman. "Apesar de nossos esforços para não machucar (os civis), houve um acidente trágico. (...) Para nós, é uma tragédia; para o Hamas, uma estratégia", declarou, por sua vez, Netanyahu.

Já não há lugar seguro em Gaza. Este horror deve parar"

Antônio Guterres,
secretário-geral da ONU

Morador de Khan Yunis, a 9km de Rafah, Khalil Abu Shammala, 53 anos, vai com frequência à cidade vizinha para coordenar ajuda humanitária. "Dessa vez, Israel não aconselhou os civis a saírem. Pretendia matar um dos líderes do Hamas responsável por um escritório do grupo na Cisjordânia. Isso não concede a Israel justificativa ou desculpa para o ataque", afirmou ao **Correio**. Ele acusou Israel de se

Eyad Baba/AFP



Mulher segura o corpo do filho, morto durante o ataque aéreo à cidade

julgar acima do direito internacional. "Nós, palestinos, não podemos aceitar o papel de 'boas vítimas' ante essa agressão brutal cometida pela

ocupação israelense. Interesses têm controlado essa guerra. A Casa Branca tem aberto os seus braços para Israel. Sem apoio dos EUA e da

Gaza é o inferno na Terra"

UNRWA, agência da ONU para refugiados palestinos

Europa, Israel nunca vai parar com isso. Não temos justiça."

"Direito de atacar"

O governo dos Estados Unidos admitiu estar "impactado" pelas imagens do bombardeio e fez nova cobrança ao aliado. "Deixamos claro que Israel deve tomar todas as precauções possíveis para proteger os civis", disse um porta-voz

do Conselho de Segurança Nacional. "Israel tem o direito de atacar o Hamas, e entendemos que, no bombardeio, morreram dois terroristas de hierarquia elevada", acrescentou.

"Esse horror deve parar", exigiu, por sua vez, o secretário-geral da ONU, António Guterres. Em publicação no X (antigo Twitter), ele disse condenar "as ações de Israel que mataram dezenas de civis inocentes que apenas buscavam abrigo nesse conflito mortal". O presidente da França, Emmanuel Macron, revelou-se "indignado" com a mancha. "Essas operações (em Rafah) devem parar. Não há área segura para os civis palestinos na cidade. Conclamo o pleno respeito pelo direito internacional e cessar-fogo imediato", escreveu na rede social. Em nota, o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha afirmou que "as imagens de cadáveres carbonizados, incluindo crianças, no ataque aéreo em Rafah são insuportáveis".

Josep Borrell, chefe de diplomacia da União Europeia (UE), se disse "horrorizado" e condenou o massacre "nos mais contundentes termos". "Não existe lugar seguro em Gaza. Esses ataques devem parar agora." Ele defendeu que as decisões do Tribunal Penal Internacional (TPI) e da Corte Internacional de Justiça (CIJ) sejam respeitadas por todas as partes. Em 20 de maio, o procurador do TPI, Karim Khan, solicitou mandados de prisão contra Netanyahu; o ministro da Defesa, Yoav Gallant; e líderes do Hamas.

Vários governos da região condenaram a ação israelense. Nasser Kanaani, porta-voz da chancelaria do Irã, escreveu que Israel merece "uma forte condenação e uma resposta prática da comunidade internacional". O Egito denunciou um "ataque a civis indefesos"; a Jordânia acusou "crimes de guerra" por parte de Israel; e a Arábia Saudita lamentou "os contínuos massacres cometidos pelas forças de ocupação israelenses".

PAPUA-NOVA GUINÉ

Deslizamento de terra sepulta mais de 2 mil pessoas

Quando a terra cedeu, na manhã de sexta-feira, levando parte do Monte Mongalo, na província de Enga (centro da Papua-Nova Guiné), arrastou o vilarejo de Yambali e engoliu várias casas. A tragédia no arquipélago da Oceania ganhou dimensões dantescas nas últimas horas. De acordo com o governo do país, mais de 2 mil pessoas foram enterradas vivas. Os moradores dormiam no momento do deslizamento de terra e nada puderam fazer.

As autoridades papuásias pediram mobilização da comunidade internacional para apoio aos esforços de resgate. "O deslizamento sepultou mais de 2 mil pessoas vivas e provocou uma grande destruição em edifícios, hortas e causou grande impacto na base econômica do país", afirmou o Centro Nacional de Gestão de Catástrofes em um documento enviado à ONU, ao qual a agência France-Presse (AFP) teve acesso.

Segundo o centro, a situação na área do desastre segue estável. "O deslizamento de terra continua avançando devagar, o que põe em risco tanto as equipes de resgate

quanto possíveis sobreviventes", explicou. O bloqueio de uma das principais rodovias dificulta o trabalho dos socorristas. Outro fator que complica os esforços dos bombeiros e da defesa civil está na quantidade de detritos que desceram da montanha. Algumas casas estão sob 8m de terra e rochas. O governo de Papua-Nova Guiné solicitou à ONU que informem os parceiros de desenvolvimento do país sobre a tragédia, assim como "amigos internacionais".

AONU organizará uma reunião, hoje, com diversos governos para tentar coordenar os trabalhos de resgate. Além dos bloqueios nas estradas, os confrontos tribais na região tornam a tarefa um enorme desafio. Na tentativa de encontrar corpos, em um terreno que se estende pelo equivalente a quase quatro campos de futebol, moradores e socorristas utilizam pás e pedaços de madeira. "Ninguém escapou. Não sabemos quem morreu porque os arquivos estão enterrados", declarou à AFP Jacob Sowai, professor de uma localidade vizinha.

Serhan Aktoprak, funcionário

Emmanuel Eralia/AFP



Vista aérea mostra região afetada pelo desastre, no vilarejo de Yambali

da agência de migração da ONU, afirmou que estão aparecendo rachaduras nos locais próximos ao da tragédia, o que "poderia desencadear um novo deslizamento". A Organização Mundial da Saúde (OMS) ofereceu ajuda para "atender as necessidades urgentes", anunciou o diretor-geral da

instituição, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

A Austrália, parceira do arquipélago, informou que enviará suprimentos de emergência, como abrigos, kits de higiene e apoio específico para mulheres e crianças. O presidente da China, Xi Jinping, disse que está "profundamente triste"

Onde fica



com a catástrofe e ofereceu a assistência de seu país. Estados Unidos, França e Japão também colocaram ajuda à disposição.

Chuvvas intensas

Os vizinhos afirmaram que o deslizamento pode ter sido provocado pelas chuvas recentes, muito intensas. Papua-Nova Guiné tem um dos climas mais úmidos do planeta. Estudos mostraram que as mudanças nos padrões de tempestades relacionadas à mudança

climática podem exacerbar o risco de deslizamentos de terra.

Estabelecer o número exato de vítimas é difícil porque muitas pessoas que fugiram da violência tribal se mudaram para a região nos últimos anos, afirmou Nicholas Booth, funcionário do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. A entrega de ajuda a partir da capital provincial, Wabag, foi prejudicada por uma série de confrontos tribais não relacionados com a tragédia, segundo Aktoprak.